

MARCELO FERRONI

O fogo na floresta



Copyright © 2017 by Marcelo Ferroni

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Capa e foto de capa

Milena Galli

Preparação

Silvia Massimini Felix

Revisão

Ana Maria Barbosa

Carmen T. S. Costa

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção;
não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ferroni, Marcelo

O fogo na floresta / Marcelo Ferroni. — 1^a ed. — São Paulo :
Companhia das Letras, 2017.

ISBN 978-85-359-2976-8

1. Ficção brasileira. I. Título.

17-06526

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.3

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Vida de sereia não é fácil.

Laura Erber

I.

O nome dele era Arthur Henrique, mas todo mundo o chamava de Big. Era mais alto do que os outros garotos, mas não apenas mais alto: era mais encorpado, largo e, quando se colocava em fila com os meninos franzinos na beira da piscina, era o único com o peito escuro de pelos, bem definido, pernas musculosas cravadas no granito como árvores, e vejam bem, ele não tinha nem quinze anos, vejam, as meninas, as menos populares, que ainda se escondiam em cavernas, elas se agarravam às grades da piscina, entre os vasos de concreto com plantas secas, e o viam saltar e mergulhar como um peixe criado na água clorada. Big tinha a barba aparada, rente ao queixo quadrado, a pele bronzeada, os cabelos castanhos caindo por cima das orelhas, quando ele ria duas covinhas se aprofundavam nas bochechas. Era bom no futebol e, apesar de não ser o atacante nem o artilheiro, era o capitão, porque todos o respeitavam, e era também o que passava as bolas mais difíceis naquele campo de areia fervente — eu me lembro, ela parecia entrar nos vãos das meias e dos shorts, se espalhava pelos cadernos depois do recreio. Big fazia todo mundo

trabalhar em equipe. Era o capitão do vôlei e o líder do time de atletismo; competia, com mais ou menos sucesso, em todas as modalidades. Não era o que nadava melhor (Tomás o era), mas sempre fora indispensável no revezamento quatro por cem. Era o capitão do handebol. Heloísa jogava handebol com violência. O rosto rubro, enfiou uma bordoada na goleira tímida. A goleira se encolheu, a bola a atingiu no flanco, ela gemeu e soltou um brilho triste do aparelho fixo. À direita, gritos agudos — Vai perder, Bombril! —, Heloísa passou por instinto a mão nos cabelos, mordeu os lábios, vasculhou a arquibancada. Lá estavam elas, numa das pontas da primeira fileira, ao redor de Maria Vitória, uma lourinha de nariz arrebitado, burra, rica, magra, unhas perfeitas. Jogava os cabelos lisos de um lado para o outro. Heloísa disputou a bola com outra garota, o baque dos corpos, a bola para fora e a menina no chão com um grunhido. O monitor apitou e pediu calma. Mais gritos da arquibancada, que reverberavam pelo teto baixo de concreto. Heloísa limpou o ranho na manga, arfava e mal conseguia respirar. A camisa encharcada, desajustada no corpo, chegava quase até o joelho. Começou a correr de costas, acompanhando a equipe na volta à defesa. De relance viu Big, não muito longe dali, não muito longe de Maria Vitória, ah não, ele riu, ela ajeitou os cabelos. Heloísa de braços erguidos na defesa, pulinhos com a boca escancarada, o mundo para ela era esse pátio, com gritos e cheiros azedos, adrenalina, desprezo. Ela nunca parece se lembrar de momentos felizes.



Fátima naquela época odiava o mundo e, por extensão, o colégio. Preciso ainda dizer que fora por muitos anos a melhor amiga de Heloísa, mas naquele período passavam por um estretecimento. Ela se vestia apenas de preto, usava camisa de fla-

nela no verão (Deus sabe como esta cidade é quente), uma franja preta no rosto, vivia com cara de enfado. Nunca fora tão magra e tão pálida como naquela época. Seria bonita — os olhos verdes chamavam a atenção —, não fossem a papada e o nariz recurvo, que lhe renderam o apelido de Onilda. Achava Big ridículo, seus amigos *mais* ridículos ainda, e simulou um gesto de vômito quando o viu sentado num círculo no gramado, naquela viagem que a escola fazia todos os anos ao sítio de Correias, tocando violão com um grupo que incluía jovens monitores — efebos de óculos de armação quadrada, colares com crucifixo de madeira, fala mansa dos padres, nos seus olhares um desejo difuso — Big dedilhava e cantava — além de tudo *tinha ouvido* e dominava o uso de alguns instrumentos — o rapaz era mesmo um fenômeno. Fátima desceu os olhos pelo gramado, cruzou-os com os de Heloísa. Heloísa baixou os dela, arrancou a ponta de uma folha. Sentada com duas meninas que nunca mais veria depois do colégio, as três fingiam se distrair *com alguma outra coisa*, na esperança de que Big em algum momento as notasse e chamasse para o grupo.

(Você pode ser alguém importante na vida, seu pai lhe dizia. Você pode ser o que você quiser.) Ossos de frango voavam entre as mesas do bandejão. Tia Marilda tentava conter os mais exaltados, o refeitório de azulejo reverberava de gritos e risadas, numa das extremidades de uma longa mesa Heloísa comia em silêncio com outras meninas, medo de ser notadas, uma delas era uma porca, misturava o arroz, o feijão, o macarrão e mastigava, bebia o suco ao mesmo tempo, era terrível estar ali enquanto os outros se divertiam. Depois, seguiu os alunos da quarta turma em grupos ao longo de uma trilha no bosque nos fundos do prédio principal. Tentou se aproximar de Fátima, mas Fátima e os garotos fugiram para fumar e ela ficou ali plantada, caminhou entre os grupos, sem realmente fazer parte de nenhum. Chutou pedri-

nhas no caminho. Quando Big se aproximou, Heloísa achou que ele havia se enganado de pessoa.

Não havia. Andaram um pouco em silêncio, o sol cruzava as copas esparsas de pinheiros. Ela sentia o rosto esquentar e ouvia risinhos à frente, dos lados, atrás dela. Não conseguia erguer o pescoço, tinha de ver cada passo para não tropeçar. A cabeça zunia — queria sair correndo dali, era o instinto —, mal escutou quando ele perguntou sobre sua mãe, se estava bem.

— Você me ouviu?

— Como?

— É verdade que sua mãe está no hospital?

Ela deu um sorriso e sentiu o coração derreter debaixo dos pés e se infiltrar pela terra. Ficou mais vermelha, fungou. Disse que sim, depois disse que não. Disse que não era nada. Olhava o chão com força e não tinha tempo de pensar no que dizia. Talvez pudesse falar mais coisas: a mãe voltara a ser internada, a quimioterapia não tinha dado resultado, além de deixá-la magra e debilitada. O pai havia se sentado com eles, na lanchonete do hospital, para explicar que os médicos estavam fazendo o possível para tirar a doença de dentro dela, mas que, sempre que iam procurar, os *bichinhos* estavam em mais lugares. Seu irmão queria saber se aquilo era a metástase. *Me-tás-ta-se*; havia aprendido com colegas na escola. O pai se sentiu um pouco tolo, nunca soube direito como tratá-los. A mãe tinha uma sonda no braço e as mãos geladas. O irmão talvez não tivesse notado a peruca que uma tia lhe comprara, mas ficara olhando abobado aquele rosto, um pouco afastado, protegido atrás de Heloísa. Você está cuidando bem do seu irmão?, quisera saber a mãe, seus olhos amarelados e úmidos, ela sacudiu a cabeça que sim, sim, e apertou a mão de Cláudio Mário com força. O menino tinha pesadelos quase todas as noites e acordava chorando. No quarto escuro, quando ficavam a sós, Heloísa tentava manter a respiração silenciosa,

com medo de que ele quisesse conversar. O menino andava mais estabanado e qualquer coisa que lhe diziam já era motivo de choro. Era impressionante a quantidade de óculos que ele quebrava, mesmo os de plástico mais resistente, e perdia, apesar de estarem presos a uma cordinha no pescoço.

— Quer dizer então que ela está melhor?

— Está melhor, sim.

Ela quis perguntar, mas não teve forças, como foi que Big soube, já que o pai havia conversado apenas com o padre Dutra, quando fora chamado à diretoria para discutir a situação do filho mais novo — Cláudio Mário não assimilava nada do que lhe passavam em classe, um ano terrível, ele acabaria reprovado. E o padre Dutra... bem, poderia ter contado a alguns professores. Ela tentava pensar, sua cabeça apitava, sentia ao mesmo tempo uma dor, não sabia explicar, mas era como se todo mundo soubesse, e os risinhos estivessem relacionados a isso.

Caminharam mais um tempo em silêncio. Ela sentiu quando seus olhos se cravaram nela, sentiu também o pescoço muito duro, mesmo assim conseguiu erguer o rosto, ouviu mais risinhos, não sabia de onde, queria contar uma série de coisas a Big, queria chorar, ele parecia radiante e compreensivo, ela não precisava vê-lo para saber, nem precisava de muito esforço para sentir que ele se empenhava em dizer algo reconfortante, como haviam lhe ensinado, mas não sabia o quê.

— Sério, ela está bem, disse Heloísa, para se livrar do constrangimento dele.

Novos risinhos, dessa vez mais altos, e ambos olharam à fren-te. Os meninos haviam parado num tronco recoberto de musgos e se agrupavam ao redor da professora de biologia, que os ensinava a usar a lupa. Ela ficara de cócoras no meio deles, as pernas comprimidas nos jeans. Era magra, com quadris largos, cabelos longos e ressecados, um pouco ruivos — diziam que era divorciada.

da — os seios apertados na camisa branca — diziam também que Amaral, da terceira turma, fora visto uma vez entrando no carro dela — nas aulas no laboratório ela usava saltos e roupas justas por baixo do jaleco — a turma era dividida em duas, o professor da sala B era um sujeito com bafo — já ela tinha o olhar de animais mortos e — Meninos, disse ela (porque só havia meninos no círculo mais próximo), vejam os esporófitos e as cápsulas desses aqui. Um grito os interrompeu, a professora estendeu o pescoço, os outros se viraram. Vinicius, um gordinho leitoso de moletom cinza-mescla, se ergueu e esfregou a nuca com força — os garotos logo atrás dele mantinham as lupas estendidas e gargalhavam — a professora fin-giu não notar o que acontecia e voltou a examinar seus espécimes (ela nunca se preocupara mesmo com aqueles sentimentos) e ouviram um brado — Ei, Borja, pare com isso. Era Big, que havia inflado o peito, brilhava na nesga de sol entre as agulhas, tinha tanta autoridade que mesmo Borja, o repetente, pareceu confuso. Os meninos se dispersaram e Vinicius se curvou de novo, o rego à mostra. Heloísa não tinha nem a própria lupa, Big não estava mais ali, ela ia ter de dividir com alguém.



Pensa no inferno e a cabeça pega fogo. Justamente ali, sozinha no posto de gasolina, a noite cor de poluição, mal pode respirar, não consegue ouvir o próprio corpo, ela se lembra do pai, de um colégio distante, de tudo o que poderia ter sido. Cheiro de gasolina; cheiro nauseante do rio, do outro lado da avenida. O celular do irmão está mudo. Tenta falar com Matias, depois em casa, no Rio. Ninguém atende. Tenta o número da babá. Ouve sua voz na segunda tentativa, muito ruído ao fundo. Onde vocês estão? No shopping? Com o Robertinho? Como? Rose, me passe o Matias, por favor — Matias, o que você está fazendo aí? Como? Mas você

nunca faz isso, você nunca quer fazer isso quando estou aí, é só eu viajar que você fica todo animado, você não vai nem me perguntar como foi a apresentação? Não vai me perguntar como estou *me sentindo*? (Um carro negro sobe a rampa com os faróis em chamas, o motor ruge.) Não posso falar agora, Matias, minha carona chegou — não, não posso falar agora... Tá, tá, tá, a gente conversa amanhã. Do carro sai um sujeito de cabelo de lado e camisa bem passada, mangas dobradas até o meio do antebraço. Se apoia na porta e vasculha o entorno. Ela se levanta limpando a saia, segura a pasta debaixo do braço e sai apressada na sua direção, acenando com a mão frenética antes que ele vá embora.

Aceleram entre caminhões na Marginal carregada. Carlos Alberto tem o queixo quadrado, uma covinha que a faz se lembrar de garotos passados. A gente vai chegar atrasado, diz ele, esse trânsito me tira do sério, nas sextas fica ainda pior, seu irmão é louco de morar em Alphaville, antes era um sonho, agora as pessoas pegam um congestionamento monstro pra chegar e sair de São Paulo. Você é sortuda de morar no Rio, diz ele, onde tudo é mais relaxado. A seguir a observa, gira os olhos, pega uma ponta do decote antes de voltar sua atenção à estrada. Heloísa cruza as pernas, seu joelho branco aparece, tateia os cabelos para conferir se não estão muito armados e sorri. Ele sorri de volta, diz que ela não parece em nada com o irmão. Sério?, diz Heloísa; acho que somos idênticos. De jeito nenhum, diz ele; você não tem aqueles olhos esbugalhados. Riem. Aquela cara de louco. Você notou?, diz Heloísa, animada. Carlos Alberto diz que deve ter sido duro para ela crescer com um irmão mais velho tão autoritário quanto o Cláudio, e com tão pouco senso de humor. Irmão mais velho?, diz ela, gargalhando. Não, não, eu sou a mais velha. Jura?, eu nunca diria!



Ela se lembra e ainda é penoso lembrar, depois de tantos anos. De quando sentaram no chão de cimento encerado vermelho, os móveis arrastados para os cantos. Era o final da tarde, logo depois fariam um lanche e embarcariam de volta ao Rio. Os janelões davam para o gramado e o céu branco, os risos e as conversinhas ecoavam pelo salão. Numa das extremidades haviam instalado um quadro-negro e o padre César explicava, com a língua presa, a última atividade que haviam preparado para os alunos. Um pequeno jogo sobre cooperação e amizade. Heloísa não ouvia; havia caído no grupo de Big, que sorria para ela. Sua cabeça martelava. No trabalho em equipe, dizia o padre César, os colegas precisam aprender a confiar um no outro. Só assim conseguimos identificar nossas forças e transformar as ameaças em oportunidades. Big sorriu de novo, ela levou a mão ao alto da cabeça para ver se o cabelo estava muito armado. Padre César falava de São Paulo; Quando sou fraco, então é que sou forte. Os jovens assistentes distribuíram papel e caneta, e o padre, depois de terminar sua preleção, esperava que cada um colocasse ali suas três maiores qualidades e seus três maiores defeitos. Heloísa até hoje não entende, e ainda sente dores, espreme os olhos, se pergunta como pôde ser tão idiota, achava que uma pessoa adulta não teria medo de revelar suas fraquezas e Big ficaria impressionado com a maturidade daquela menina, tímida e estúpida, que horas antes mal conseguia falar com ele. Não era tímida nem estúpida. Ela respira fundo, preferia interromper as lembranças aqui, mas elas se arrastam nessa corrente de objetos despedaçados e galhos partidos e cachorros mortos, e ela vê: escrevendo com muito cuidado primeiro suas qualidades, depois de espiar a lista de Mona, sentada ao seu lado no círculo. Inteligente, bondosa, compreensiva. Os defeitos — nenhuma menina queria mostrar os seus naqueles papéis dobrados, e Heloísa, vendo-se obrigada a pensar por conta própria, escreveu infiel, egoísta, *tachativa* — o coração era uma barata voadora, o

sangue espesso, o padre César disse a seguir que cada grupo deveria discutir e listar os defeitos e as qualidades numa cartolina que os assistentes iriam distribuir agora. Mas não eram secretos?, perguntou Mona para Angélica, que destampava a caneta de ponta grossa e se preparava para escrever pelo grupo. A seguir, Mona foi obrigada a desdobrar seu papel, onde tinha escrito, no alto, numa letrinha miúda: solitária, tímida, sonhadora. Quase chorava para explicar o significado daquilo. Heloísa queria fugir. Na sua vez, ela viu seus defeitos copiados na cartolina com a letra redonda de Angélica. Ela via e não acreditava. Começou a ficar rubra e a suar. O que você quis dizer com isso?, disse Big, seu sorriso havia desaparecido, Heloísa tentava falar e gaguejou, interrompeu a frase na metade, olhando aquelas palavras, e a expressão reprovadora de Angélica, que havia parado com a caneta no ar. Eu — disse Heloísa. Eu — acho que sou infiel com minhas amigas. Eu — porque eu acho — eu acho que também sou infiel com um namorado, eu — quero dizer, se eu tivesse um — quando eu *tiver* — Angélica trocou um olhar maldoso com Joana. João Marcos e Christian riram entre si, Mona fitava perdida o piso vermelho e os gêmeos estavam ocupados com uma brincadeira particular, que envolvia socos. Não adiantaria tentar se redimir com as qualidades, eram enfim todas iguais, variavam muito pouco mesmo entre os grupos, conforme os assistentes recolheram as cartolinhas e o padre César as escreveu no quadro-negro. A humilhação poderia ter se encerrado aí, ela mexia no cadarço e notou tarde demais que a sala havia ficado em silêncio, ergueu o rosto e o padre se detivera na cartolina do grupo dela, perguntava quem tinha escrito aquela palavra ali. Angélica gritou que só copiara, apontou para Heloísa e disse que fora ela, o salão inteiro caiu na gargalhada enquanto o padre César corrigia no quadro-negro — Escreve-se *taxativa* —, depois perguntou que diabos ela queria dizer com aquilo, se por favor poderia explicar em voz alta. Ela se lembra ainda que teve de

ficar em pé. Quando voltou a ouvir e a ver, e a tremedeira nas mãos diminuiu, estava no ônibus, numa poltrona ao lado de Verônica, a que nunca lavava o cabelo, Verônica olhava incomodada a paisagem, não queria aquela *menina* ao seu lado, ninguém parecia querer, os meninos no fundão batiam no teto e cantavam aos gritos, Fátima ria com eles, as garotas sussurravam que o Borja havia roubado uma garrafa de cachaça da cozinha, e lá na frente, na segunda fileira, logo atrás de tia Marilda e do padre Felipe, Maria Vitória dormia placidamente no colo de Big, ele entremeava os dedos naqueles longos cabelos dourados, ela era uma princesa com uma estrela de prata na testa e sorria no sonho. Mas chega disso. Chega, chega, chega disso.



Não enxerga nada além do painel iluminado, talvez tenha bebido demais. O motor ronca, ela sente o corpo colado no assento e cai de lado gargalhando, o carro vai levantar voo. Estão de volta à Marginal, é madrugada e ele costura entre os carros, ambas as mãos no volante. Ela fecha os olhos, tenta não pensar em nada, os abre de novo porque tudo roda. Está enjoada, ele avança pelo acesso do hotel e freia bruscamente, acordando o vigia encasacado. Carlos Alberto brincou de trocar a marcha na coxa dela desde que começou a parar nos sinais e nas esquinas, a saia está bem levantada, ela se ajeita. Tem dificuldade de tirar o cinto, agradece pela carona e pela noite, quando se dá conta ele avançou e lhe enfiou a língua, ela sente um pedaço áspero de carne girando na boca, estalos molhados, Heloísa se afasta para respirar, ele procura um dos seus seios, ela estende o pescoço de lado, diz que ele não entendeu nada e tateia a porta — quase cai ao sair do carro, está rindo e pisando firme, um pouco assustada, marcha determinada em direção à porta automática. Esfrega a boca na manga do terni-

nho, o segurança a olha curioso, ela ri sem acreditar, puta merda, caminha e não olha para trás, nem mesmo ao ouvir os pneus cantando nas pedras da entrada, batendo de novo no asfalto. As portas automáticas se fecham. Ela para um momento no meio do saguão gelado do hotel, dá uma giradinho desequilibrada. Acha que ainda é cedo, não está preparada para dormir. O bar devassado da recepção está surpreendentemente aberto, sem nenhum garçom, o telão reproduz o VT de uma partida de futebol europeu e há uma única mesa ocupada, quatro sujeitos com uniformes de pilotos, mudos, olhos presos a ela. Tomam uísque com gelo, todos grisalhos, um bronzeado impossível. Um deles a chama com um forte sotaque português, ela ri de novo e dá pulinhos apressados até os elevadores, agora os quatro a estão chamando, gritando do saguão, Venha cá! Sente aqui! Aqui, ó! — risadas —, ela aperta o botão várias vezes até que a porta se abre, salta para dentro e se encolhe numa das quinas com medo de que a sigam, que aquelas mãos impeçam a porta momentos antes de se fechar, que entrem naquele cubículo, atirem os quepes para o alto e a sufocuem com socos, cravem os dentes até sangrar, até ela não poder mais, semiconsciente no limite das forças, pedindo e implorando num fio de voz enquanto avançam violentamente sobre ela contra as paredes de aço escovado, mas constata que não. O elevador sobe num silêncio metálico, uma tela plana no alto mostra imagens e legendas com notícias desse dia, alguém ganhou uma partida de tênis, é tudo tão calmo e tão triste.



Ela ainda acorda no meio da noite com falta de ar, como se fugisse, como se afogasse. Pensa no pai, no menino, no trabalho, em tantas outras coisas. Não importa o que faça, estão sempre contra ela. São como o fogo na floresta.